

Economistas demonstram pessimismo

Para técnicos, governo terá dificuldades para aprovar Plano FHC2 no Congresso

GLEISE DE CASTRO

Alguns dos economistas que não passaram pela experiência de comandar a economia, mas nem por isso ficaram distantes do acompanhamento constante das dificuldades econômicas do País, são céticos quanto ao sucesso do Plano FHC2, que deve ser apresentado amanhã pelo ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. É o caso de Claudio Contador, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ele



acha muito difícil o plano passar no Congresso de forma integral. "Vão ter de aprovar, simultaneamente, a Unidade de Referência e o pacote fiscal de US\$ 22 bilhões, em cortes de gastos e aumento de receitas e isso será muito difícil", afirma. "Meu receio é que o Congresso aprove só a parte da UR e deixe o essencial para depois".

Segundo Contador, o máximo de corte nos gastos que o governo pode conseguir, "fazendo das tripas coração e com um apoio muito grande dos partidos, o que é difícil", será de US\$ 7 bilhões a US\$ 8 bilhões. Além disso, lembra o economista, o aumento de impostos não é visto com

simpatia pelo presidente Itamar Franco, que poderá vetá-lo, e esse será um problema a mais, do lado da receita.

Sideval Aroni, presidente do Sindicato dos Economistas do Estado de São Paulo também acha que o plano encontrará resistências consideráveis no Congresso. "Um pacote de US\$ 22 bilhões, envolvendo cortes e receitas, é um ajuste muito forte, de difícil aprovação, considerando as resistências políticas às vésperas de um ano eleitoral", afirma. Além disso, lembrou: "O tempo que o ministro da

Fazenda está considerando para que a população acredite e adote a nova moeda, de dois a três meses, é muito curto, dada nossa cultura inflacionária." Para ele, independentemente da inflação de 35%, a economia brasileira tem

alguns pontos positivos: nível de atividade razoavelmente estável e situação externa boa, com as reservas cambiais elevadas e o recente acordo firmado com os bancos credores internacionais.

Antonio Corrêa de Lacerda, professor da PUC paulista, também vê grandes dificuldades, principalmente políticas, na

aprovação e condução do plano. Ele disse que o governo terá dificuldades em três frentes: na adesão da sociedade, no ajuste fiscal e na questão externa. Na adesão dos agentes econômicos ao novo indexador haverá um problema técnico: o da transição para o novo padrão. Enquanto os preços tenderão a ser convertidos pelo pico, já que indústria e comércio, movidos pela expectativa do plano, vão procurar acelerar os reajustes de preços, os salários tenderão a ser corrigidos pela média, nota o economista. Lacerda também duvida do sucesso do ajuste fiscal. "Não se fez a reforma tributária e vai-se aumentar mais os impostos, o que tenderá a agravar as distorções já existentes no sistema tributário", diz.

PRAZO PARA
A POPULAÇÃO
ACEITAR É
CURTO



Lacerda: distorção agravada

Clóvis Ferreira/AE